

A DISCUSSÃO SOBRE A IDENTIDADE DE GÊNERO NO DISCURSO RELIGIOSO DO PADRE REGINALDO MANZOTTI NO PROGRAMA CONVERSA COM BIAL

Mônica Santos de Souza Melo¹

RESUMO: No presente trabalho abordamos a discussão em torno da temática da identidade de gênero numa entrevista concedida pelo padre Reginaldo Manzotti. Analisamos a organização argumentativa do discurso do padre Manzotti, procurando identificar as propostas apresentadas e os principais procedimentos adotados para defendê-las, tomando como eixo a Teoria Semiinguística de Charaudeau, articulada aos estudos da argumentação de Amossy, o que nos permitiu identificar procedimentos que se prestam à defesa de posições da igreja católica, sinalizando que, embora haja uma tentativa, por parte da igreja, de renovação de postura, alguns segmentos mais conservadores se mantêm inflexíveis quanto a temas polêmicos.

PALAVRAS-CHAVE: discurso; religião; política; identidade de gênero.

ABSTRACT: Abstract: In the present paper, we analyzed the discussion around the theme of gender identity in an interview given by Father Reginaldo Manzotti. We analyzed the argumentative organization of Father Manzotti's discourse, seeking to identify the proposals presented and the main procedures adopted to defend them, taking Charaudeau's Semiinguistic Theory as its axis, articulated with the studies of Amossy's argumentation, which allowed us to identify procedures that lend themselves to the defense of the Catholic Church's positions, signaling that, although there is an attempt on the part of the church, to renew its posture, some more conservative segments remain adamant about controversial issues.

KEYWORDS: discourse; religion; politics; gender identity.

Introdução

Nossa proposta de trabalho se insere num projeto que visa analisar as práticas discursivas midiáticas por meio das quais personalidades vinculadas a igrejas cristãs procuram exercer influência sobre temas que afetam a vida em sociedade. No presente trabalho analisamos parte da entrevista concedida pelo padre Reginaldo Manzotti, figura bastante popular entre os católicos, no programa *Conversa com Bial*, da Rede Globo², exibido em 19 de abril de 2018. Interessa-nos, mais diretamente, o trecho em que eles tratam do tema da identidade de gênero. Analisamos a organização argumentativa do discurso do padre Manzotti, procurando identificar as propostas apresentadas e os principais procedimentos adotados para defendê-las, tomando como eixo a Teoria Semiinguística de Charaudeau, articulada aos estudos da argumentação de Amossy. Nosso artigo parte de uma discussão em torno da questão da identidade de gênero e do olhar da igreja a respeito dessa temática. Em seguida, abordaremos

¹ Professora Titular do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: monicamelos@ufv.br; lattes: <http://lattes.cnpq.br/5603442663409183>

² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6676915/> Acesso em 18 de set. 2018.

os pressupostos que vão nortear a nossa análise, que se referem, basicamente, à possibilidade de integração entre o estudo da argumentação e os estudos discursivos para, em seguida, analisar o fragmento da entrevista que nos interessa.

A questão da identidade de gênero na visão da Igreja Católica

A discussão em torno da identidade de gênero, no Brasil, envolve questões morais que dividem a população. Nesse contexto, argumentos de base religiosa são, frequentemente, acionados para fundamentar teses contrárias ou para justificar discursos de ódio contra pessoas ou grupos que se posicionam a favor desse conceito.

O conceito de gênero, que se tornou conhecido especialmente a partir da década de 1960, diz respeito a uma não-determinação natural de comportamentos de homens e mulheres, que existe, a despeito de algumas imposições sociais pautadas numa suposta determinação biológica que distingue homens e mulheres. Segundo Scott:

O termo “gênero” torna-se, antes, uma maneira de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de idéias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. “Gênero” é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, “gênero” tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens (SCOTT, 1995, p.75)

Esse conceito propõe que a definição do que é masculino ou feminino passa pelo aspecto social e que se diferencia, portanto, da noção de sexo, que é, basicamente, biológica. Embora a diferenciação entre as duas noções seja admitida, os segmentos mais ortodoxos da Igreja Católica acreditam que deve haver uma espécie de harmonização entre as identidades social e biológica do indivíduo. Em consonância com uma longa tradição cristã, a Igreja defende que Deus criou o homem e a mulher à sua imagem e semelhança e a união entre eles deve constituir o pilar da família. Consequentemente, ser contrário a essa ordem da criação significa uma “autodestruição” do ser humano e uma destruição da ordem de Deus, conforme aponta Lima:

No ensinamento da Igreja Católica, a pessoa adquire progressivamente durante a infância e a adolescência a consciência de sua identidade, que é também consciência da diferença. Distingue-se a identidade sexual, que é psicobiológica do próprio sexo e da diferença em relação ao outro sexo; e a identidade de gênero (gender), que é psicossocial e cultural do papel desempenhado pelas pessoas de um determinado sexo na sociedade. Em um

processo de integração “correto e harmônico”, a identidade sexual e a de gênero “se complementam”. A integração da personalidade se realiza como reconhecimento da plenitude da “verdade interior da pessoa”, unidade de alma e corpo (CPF, 2000, n. 8). (LIMA, 2015, p. 91)

Os estudos de gênero sofreram forte rejeição durante o papado de Bento XVI e sua orientação acabou repercutindo sobre conferências episcopais por todo o mundo. Essa visão repercutiu na sociedade como um todo, interferindo na elaboração de políticas públicas em torno da família, da educação e da saúde. No Brasil, chegaram a afetar a proposição de políticas públicas nacionais. Como exemplo, temos a construção de uma proposta de diretrizes para a educação básica, que deu origem ao Plano Nacional de Educação (PNE), em cuja elaboração estiveram envolvidos representantes de setores conservadores da sociedade. Nesse documento foi retirada qualquer referência a questões de gênero e de orientação sexual.

Mais recentemente, porém, o Papa Francisco vem sinalizando uma abertura da Igreja Católica às questões de gênero. Um sinal dessa abertura, além das várias declarações do Papa a favor da tolerância e do acolhimento de todos, é a convocação de um sínodo dos bispos para tratar do tema da família. E essa postura encontra ecos nas conferências nacionais dos bispos, como acontece, no Brasil, com relação à CNBB, que, por meio de notas, defende o acolhimento a novas constituições familiares: “Acolher, orientar e incluir” nas comunidades os que vivem em outras configurações familiares são desafios inadiáveis (CNBB, 2014, n. 217-218).

Esse comportamento do Papa encontra respaldo nas orientações do Concílio Vaticano II, realizado na década de 1960. Como se sabe, o Concílio Vaticano II representa um movimento mais progressista no âmbito da Igreja Católica, que dá maior espaço a discursos de resistência, que se opõem a posturas opressoras e que defendem a justiça social e políticas comprometidas com o bem-estar dos mais pobres e marginalizados. Tal movimento propõe que toda evangelização deve pregar a Palavra de Deus de maneira adaptada à realidade dos povos, num intercâmbio entre a Igreja e as diversas culturas.

A seguir procuraremos abordar algumas características do discurso religioso e sua relevância sobre o comportamento individual e as ações políticas.

Algumas considerações sobre o discurso religioso

Apesar de sua importância, o discurso religioso ainda é pouco estudado. Essa é a avaliação de Maingueneau (2008), que afirma que, embora pertença a um *corpora* de prestígio,

este tipo de discurso é pouco estudado, provavelmente pelo fato de que sua compreensão implica o conhecimento de um vasto intertexto, nem sempre acessível a todos.

Um dos trabalhos representativos em torno do tema numa perspectiva discursiva é o de Orlandi (1987). Para essa autora, uma marca do discurso religioso é a **assimetria** na relação entre a instância de produção e a instância de recepção. Enquanto a primeira é composta por Deus, pela Igreja e seus representantes (que falam em nome do plano espiritual), a segunda se compõe dos fiéis (que fazem parte do plano terreno). Esses dois planos são afetados por um valor hierárquico, por uma desigualdade, uma vez que o celebrante reproduz a voz de Deus, que é imortal, eterno, onipotente, onipresente, onisciente, enquanto os ouvintes são mortais e passageiros.

A **ilusão da reversibilidade** entre os dois planos (o plano terreno e o espiritual) também caracteriza, segundo Orlandi, o discurso religioso. Essa ilusão pode ter duas direções: de cima para baixo, ou seja, de Deus para os homens, momento em que Ele compartilha suas propriedades por meio de sacramentos, bênçãos, de milagres; de baixo para cima, quando o homem se alça a Deus, principalmente, através da obediência à palavra de Deus. Acreditamos que essa ilusão de reversibilidade se constitui numa importante estratégia de captação de fiéis.

Numa perspectiva sociológica, temos o trabalho de Bourdieu (1998), para quem o discurso religioso exerce poder simbólico incontestável sobre grande parte da população. Para Bourdieu, a religião é vista como veículo de um poder simbólico, que se manifesta por uma série de representações, tais como as alocações entre outros símbolos específicos da religião, que proporcionam um domínio sobre os fiéis que devem se manter submissos e obedientes aos preceitos ditados pela igreja.

Na Igreja esse poder é exercido pelos seus representantes, padres, bispos, pastores, e se concretiza por uma série de manifestações, tais como as alocações em geral, dentre elas as pregações, homilias e documentos da Igreja. Também se manifestam através de uma série de símbolos e de representações arquitetônicas e iconográficas que caracterizam o espaço sagrado. No entanto, com a utilização da mídia, tanto as formas de interação quanto os espaços em que elas ocorrem têm se diversificado, tornando a igreja mais próxima do fiel.

É sabido, contudo, que o catolicismo vem sofrendo um abalo na sua situação de hegemonia, ao longo das últimas décadas, com um acentuado decréscimo do número de fiéis. Carranza (2011, p. 97) apresenta dados que evidenciam o que ele denomina "desinstitucionalização" da igreja católica, que seria um processo de enfraquecimento da Igreja

que a afetaria como instituição. De acordo com essa autora, em 1890, 98,8% da população brasileira era católica. Em 1980, esse percentual sofreu uma queda de 10 pontos e em 2000 caiu para 73,8%. Esses dados estatísticos apontariam para um processo de "descatolização da sociedade brasileira" (CARRANZA, 2011, p. 99). Para a autora, as razões desse declínio ultrapassam a esfera religiosa, integrando processos de mudanças culturais mais amplos.

Esse processo, que parece ser uma tendência mundial tem sido, no entanto, acompanhado pela Igreja Católica e tem levado a reações. Uma delas é a tentativa de resgatar a hegemonia do catolicismo por meio da utilização da mídia. As igrejas têm, então, recorrido a diversas formas de comunicação para tentar ampliar seu espaço de atuação, que extrapola os templos e invade os lares dos fiéis. Essas iniciativas vão ao encontro de uma política de utilização dos meios de comunicação para evangelizar, e que teve como uma de suas iniciativas pioneiras e mais representativas o decreto publicado pela Igreja Católica por ocasião do Concílio Vaticano II, realizado de 1962 a 1965. Esse decreto, denominado *Inter Mirifica - sobre os meios de comunicação social*, dispõe a respeito do papel dos meios de comunicação na propagação da fé cristã. Desde então, e até os dias de hoje, a Igreja Católica vem investindo nas mídias como forma de difundir e popularizar cada vez mais o catolicismo.

Nosso corpus é um exemplo dessa iniciativa da Igreja Católica, de sair de seu espaço de conforto e buscar outros meios para chegar ao grande público. A seguir, apresentaremos os pressupostos teóricos que vão nos permitir descrever e analisar o modo pelo qual o padre Manzotti defende, junto à grande audiência na maior emissora de TV aberta do Brasil.

Argumentação e Discurso

Para interpretar a fala do padre Reginaldo Manzotti, que é predominantemente argumentativa, vamos discutir, de forma sintética, a relação entre discurso e argumentação, deixando claros os princípios que vão nortear nossa análise.

Amossy (2007) considera que a Análise do Discurso (AD) descreve o funcionamento do discurso em situação, portanto, ela não pode evitar sua dimensão argumentativa. Para essa autora, deve-se distinguir dois pontos que caracterizam a argumentação no discurso como um ramo da análise do discurso: (1) a inscrição da argumentação na materialidade linguageira; (2) a necessidade de examinar os funcionamentos argumentativos no entrecruzamento do

linguístico e do social, apreendendo “o discurso como intricação de um texto e de um lugar social” [...] (AMOSSY, 2007, p. 128).

No âmbito da Teoria Semiolingüística do Discurso, Charaudeau (1992) considera que a argumentação é um processo intersubjetivo, já que exige, além de um sujeito que desenvolva uma asserção sobre uma tese, um outro sujeito que constitui o alvo da argumentação e a quem o sujeito que argumenta pretende levar a partilhar não a mesma verdade, mas uma veracidade, que dependeria das representações socioculturais partilhadas pelos membros de um grupo dado em nome da experiência e do conhecimento. Assim, a existência de um dispositivo argumentativo não determina a forma particular que assumirá a argumentação num texto, mas essa depende dos fatores situacionais, isto é, da influência determinada pela situação de troca e pelo contrato de fala.

Na busca da influência, que consiste em fazer o outro partilhar um universo de discurso, o enunciador pode lançar mão de um processo lógico e de outros meios, como os proporcionados pelo dispositivo enunciativo adotado e pelos outros modos de organização do discurso. Para o autor, “Todo ato de linguagem emana de um sujeito que gera sua relação com o outro (princípio de alteridade) de maneira a influenciá-lo (princípio de influência) [...]”. (CHARAUDEAU, 2005, p. 12).

Charaudeau afirma que o sujeito desenvolve estratégias de argumentação em função das finalidades de influência que correspondem a seu projeto de fala. O dispositivo argumentativo será constituído pela tese a ser postulada, e pelos universos de problematização e contextualização, implícito e explícito. Essas estratégias se desenvolvem de forma a determinar a posição de autoridade do sujeito falante, reforçando sua legitimidade. Servem também para dotar o discurso de credibilidade e, finalmente, para atrair o ouvinte. Para tanto, o sujeito se valerá de procedimentos argumentativos a fim de legitimar ou dar credibilidade à sua fala, ou ainda captar o seu interlocutor. Na tentativa de legitimação, o enunciador se apoiará numa posição de autoridade (seja institucional ou pessoal) para se pronunciar. Já na tentativa de alcançar credibilidade, o locutor se posicionará de maneira a determinar uma posição de verdade. Ora o enunciador optará pela neutralidade, ora pelo engajamento. E por fim, quando estiver em cena o jogo de captação, o locutor tentará convencer o interlocutor sobre sua fala.

Toda argumentação tem como objetivo principal estimular a adesão de seus interlocutores a suas teses, de modo a criar nos ouvintes uma predisposição à ação ou uma ação efetiva. Para que haja a argumentação, estabelece-se entre os indivíduos um contrato intelectual

baseado principalmente no fato de os enunciadores compartilharem contextos sócio-históricos. Portanto, a existência de um dispositivo argumentativo não é o único responsável pela argumentação de um texto. Essa depende também dos fatores situacionais, determinados pela situação de troca e pelo contrato de fala. Sendo assim, tanto Charaudeau quanto Amossy consideram que o estudo da dimensão argumentativa é pertinente à Análise do Discurso.

Para viabilizar o tratamento da argumentação nessa perspectiva, Charaudeau (2008) descreve uma série de procedimentos e categorias pertinentes ao chamado Modo de Organização Argumentativo. Para o autor, ao promover a encenação argumentativa, o sujeito argumentante utiliza diversos procedimentos do modo de organização argumentativo, que são ativados em função do seu propósito na situação de comunicação dada. O uso desses procedimentos visa validar a argumentação. São procedimentos discursivos, semânticos e de composição.

Segundo Charaudeau (2008), os procedimentos de composição dizem respeito à articulação e disposição dos argumentos no discurso. Os procedimentos semânticos dizem respeito à utilização de argumentos que se fundamentam num consenso social, isto é, que são compartilhados pelos membros de um grupo sociocultural. Eles se referem a valores em determinados domínios de avaliação. Na entrevista predomina o domínio do ético, com a identificação de atitudes esperadas de um cristão. Já os procedimentos discursivos referem-se ao uso de categorias da língua e do discurso para produzir efeitos de persuasão.

Análise

Nossa análise toma como objeto parte de uma entrevista veiculada no programa *Conversa com Bial*. Trata-se de um *talk show* apresentado por Pedro Bial de segunda a sexta-feira, na Rede Globo de Televisão, à noite, após o Jornal da Globo, e recebe como entrevistados pessoas públicas que abordam temas interessantes relacionados às suas trajetórias de vida. A entrevista que analisamos tem como entrevistado Reginaldo Manzotti, que é um padre católico, cantor e escritor, conhecido como o “padre das multidões”, que pratica a evangelização por meio da música e dos meios de comunicação. Atualmente é pároco do Santuário Nossa Senhora de Guadalupe, em Curitiba, Paraná. Coordena a associação Evangelizar é Preciso, com milhares de membros em todo o país.

Embora a situação de comunicação analisada pertença ao domínio midiático, o convidado está vinculado ao domínio religioso, o que faz com que as temáticas abordadas ao longo da entrevista digam respeito prioritariamente ao universo religioso. Trata-se de uma troca dialógica *stricto sensu*, ou seja, nela estão interagindo dois sujeitos comunicantes que alternam as posições, assumindo ora o papel de enunciador, ora o de interpretante. Como é típico de todo programa de entrevista ou *talk show*, a visada principal é a informação, mas a situação também visa à captação, uma vez que há também uma dimensão econômica envolvida nas produções midiáticas, que dependem da manutenção da audiência para sua sobrevivência. Também do ponto de vista do domínio religioso, representado pelo entrevistado, prevalece uma visada de informação, uma vez que o espaço midiático é usado para responder questões relacionadas ao pensamento da Igreja Católica sobre alguns temas relevantes, mas há também uma finalidade de doutrinação, visando reforçar ou convencer o telespectador sobre a pertinência das teses defendidas. Há, portanto, um esquema enunciativo, tanto do ponto do domínio midiático quanto do domínio religioso, um duplo destinatário: o domínio midiático, representado pelo apresentador Pedro Bial direciona-se tanto ao entrevistado quanto à sua audiência e o padre Reginaldo direciona-se ao entrevistador e também à audiência.

Tratando especificamente do fragmento de entrevista que nos interessa, a discussão em torno da identidade de gênero é desencadeada a partir da seguinte troca dialógica:

(1)

Bial: “EVANGELIZAR É PRECISO” ME PASSA UM SENTIDO, UM SENTIMENTO DE URGÊNCIA. QUAL É A URGÊNCIA? A EMERGÊNCIA

Pe. Reginaldo: A emergência é porque as coisas estão se deteriorando. O casamento está ficando algo caduco, ter filhos está ficando algo fora de moda. Até se questionando a identidade da pessoa humana. Então uma coisa é você ter carinho, amor, tolerância, acolhimento, outra coisa é você estabelecer a exceção como regra.

E aqui nós não podemos...

Bial: NÃO. PERA AÍ, VAMO LÁ. VC ESTÁ FALANDO SOBRE O QUE HOJE SE CHAMA IDENTIDADE DE GÊNERO

Nesse trecho, em que se comenta o refrão de uma canção do Padre Reginaldo, que diz “evangelizar é preciso”, o padre defende que a evangelização é urgente para evitar que as “coisas” se deteriorem. E cita como exemplo o fato de se questionar, na atualidade, “a identidade da pessoa humana.” Essa afirmação fornece ao entrevistador o gancho para introduzir a discussão sobre a temática da identidade de gênero.

Observa-se, em termos de procedimentos de composição, que se acentua como um tópico central, a partir do qual os demais subtópicos serão desenvolvidos, a questão da identidade de gênero. Quando perguntado sobre qual temática revelaria a urgência de se colocar em prática a evangelização, é essa a temática que é destacada pelo padre, o que dá a ela uma centralidade na entrevista.

A partir daí o padre Reginaldo aborda o tema, defendendo a tese de que a identidade de gênero resulta de um processo de deterioração de valores. O procedimento semântico predominante em sua fala refere-se, portanto, ao domínio do ético, que diz respeito à definição dos comportamentos em termos do bem ou do mal, a partir de uma moral externa ou interna. Baseando-se nos preceitos mais conservadores da Igreja Católica, nos termos resumidos acima, o padre apresenta uma visão dicotômica dos comportamentos e posicionamentos em torno dessa temática, distinguindo-os em termos do bem e do mal.

Sua tese se baseia numa assimilação ao discurso cristão e também numa oposição ao discurso totalitarista. Há, no depoimento do entrevistado, uma assimilação ao discurso tradicional da Igreja Católica, no sentido de que o padre toma como texto-fonte a passagem da Bíblia segundo a qual Deus criou o homem e a mulher à sua imagem e semelhança. Aceitar o conceito de identidade de gênero, de acordo com a visão tradicional, seria questionar essa verdade, ou seja, ir contra a palavra de Deus e, portanto, cair em pecado. Daí o enunciado delocutivo, aparentemente impessoal, no formato de uma verdade inquestionável:

2)
Um ataque contra o homem e a mulher é um ataque contra o Deus criador.

Na fala do padre há também uma referência intertextual implícita, dessa vez por oposição, a uma famosa máxima de Joseph Goebbels³, de acordo com a qual “Uma mentira repetida mil vezes se torna verdade”. A passagem em que se encontra essa referência implícita é:

(3)
E uma mentira, por mais que seja repetida, nunca vai ser verdade. Ela pode ser repetida, ensinada e propagada, será uma mentira.

³ Ministro da Propaganda na Alemanha Nazista entre 1933 e 1945.

Com essa afirmação, o padre faz uma avaliação moral, ligada ao domínio do ético, daqueles que defendem as teorias de identidade de gênero. Esses seriam não só pecadores, mas também mentirosos.

Constata-se que, entre os procedimentos discursivos, o procedimento básico utilizado é o da comparação, uma estrutura dicotômica, pautada, como vimos, em valores da ordem do ético: o que é correto/bom, em oposição ao que é errado/ruim. Assim, ao ser indagado sobre a situação de pessoas que vivenciam a experiência de não se sentirem à vontade na sua identidade sexual, ele considera que se trata de uma situação de excepcionalidade, emergência, em oposição a uma situação de normalidade. O quadro abaixo resume a visão depreendida do discurso do padre em torno da oposição entre os comportamentos e discursos pautados, respectivamente, numa visão biológica da definição dos sexos e na visão proporcionada pelas teorias de identidade de gênero. A estrutura dicotômica que atravessa o seu discurso, procura fundamentar a sua tese de que o conceito de identidade de gênero resulta de uma deterioração de valores.

Visão Tradicional: homem x mulher	Visão das teorias de identidade de gênero
Bem/ certo/bom	Mal/ errado/ ruim
normalidade	emergência
regra	exceção
Humanidade forte/saudável	humanidade fragilizada
céu	inferno
verdade	mentira
santidade – obediência à Palavra de Deus	pecado-transgressão à palavra de Deus
salvação	condenação
integridade	degradação

Quadro 1- procedimento discursivo de comparação

Seguindo essa linha, o padre propõe que o fato de a pessoa não se adaptar a um padrão representa uma passagem do “bem” para o “mal”. Porém, o vínculo causal que provocaria essa passagem não é explicitado, o que afeta a consistência argumentativa da proposta:

(4)
Mas isso não quer dizer que a pessoa está dentro daquilo que Deus criou. Alguma coisa aconteceu.

Entre os procedimentos discursivos adotados, encontra-se também a chamada “associação de idênticos” (CHARAUDEAU, 2008). No contexto proposto de uma degradação moral da sociedade, o locutor enumera alguns argumentos em escala, representando os comportamentos tradicionalmente esperados dos cristãos (casar, ter filhos) que estariam sendo abandonados. Dentre essas atitudes de transgressão, o questionamento à identidade da pessoa humana seria o exemplo extremo, marcado com o operador argumentativo **até**:

(5)
O casamento está ficando caduco, ter filhos está ficando uma coisa fora de moda. **Até se questionando a identidade da pessoa humana.**

Por fim, destacam-se duas modalidades predominantes no discurso de Manzotti. Trata-se da modalidade alocutiva, especificamente dos eixos da permissão e da obrigação, ambos pautados pelos comportamentos que se esperam de um cristão, conforme a visão ortodoxa descrita acima. O uso dessas duas modalidades configura uma relação de força, na qual o locutor está numa posição de superioridade em relação ao outro.

No discurso, verifica-se o uso da autorização, pela qual o locutor julga que o interlocutor está apto a exercer uma ação e, ao mesmo tempo, concede ao interlocutor o direito de executá-la, atribuindo a si o direito de executar:

(6)
Podem trabalhar na igreja, podem ter um trabalho social muito bom. Podem ser felizes. **Mas isso não quer dizer que a pessoa está dentro daquilo que Deus criou.**

No excerto acima, o padre afirma que aquelas pessoas que não se identificam com o gênero a elas atribuído podem exercer algumas atividades na Igreja. Manzotti chega a dizer que é permitido a essas pessoas serem felizes. Porém, mesmo assim, não serão pessoas plenamente

aceitas pela igreja, como fica claro por meio da concessão restritiva que, reforçada pelo operador argumentativo **mas**: “Mas isso não quer dizer que a pessoa está dentro daquilo que Deus criou”.

Já no eixo da obrigação, destaca-se a interpelação, em que o locutor atribui ao outro uma ação:

(7)

- a. É disso que eu tô falando. **Porque nós temos que respeitar.**
- b. Então eu acho que **nós temos que por um freio.**
- c. O grande problema do ser humano é que ele quer rapidamente a resposta... **Para!**

A grande incidência dessas duas modalidades está relacionada à visada de doutrinação, identificada como uma das finalidades da participação do padre no programa televisivo. Além disso, as ordens e interdições, ou seja, as incitações em torno daquilo que o outro deve ou não deve fazer, são também típicas do caráter doutrinário do discurso religioso e revelam a posição de autoridade da figura do padre e a assimetria típica do discurso religioso, a qual nos referimos acima, em que o representante de Deus encontra-se em posição de levar o outro a crer e a fazer algo.

Esse comportamento remete à noção de “poder pastoral”, de Foucault (2004). Para esse autor, o poder pastoral foi instituído pelo cristianismo e caracteriza-se pela presença de indivíduos que passaram a desempenhar, na sociedade cristã, o papel de verdadeiros condutores (“pastores”) em relação ao grupo (“ovelhas”). Esse sujeito possui a função de garantir o bem-estar desse grupo e promover a “salvação” individual. Essa salvação, contudo, depende da obediência, por parte do indivíduo, de uma série de leis que não coincidem, necessariamente, com as leis comuns já existentes na sociedade, impostas no âmbito jurídico. As leis do domínio religioso seriam disseminadas pelo pastor, que é também responsável por zelar pelo seu cumprimento.

Finalmente, o padre utiliza o procedimento da descrição narrativa, por meio do qual ele propõe uma situação que afetaria as crianças, referindo-se a situações de ordem prática que poderiam ter repercussões negativas sobre as mesmas. Essa referência às crianças em situação escolar remete ao mito criado em torno do kit gay, tão propagado na época pelos segmentos mais conservadores:

(8)

Agora eu vou ser bem claro. Quando você quer que as crianças cheguem na escola e aprendam que não existe homem e mulher... Não existe banheiro de homem e de mulher.

Todos os procedimentos adotados colaboram na construção da tese de que há uma deterioração moral da sociedade, que culmina com as teorias de gênero.

Considerações Finais

Recorrendo a procedimentos diversos, o locutor retoma e reitera a visão mais tradicional da igreja em torno da identidade de gênero. A visibilidade proporcionada pela presença do padre em um programa de grande audiência na maior emissora de TV do país favorece a difusão desses valores para um público mais amplo do que aquele que frequenta a Igreja e corrobora a repercussão dessa visão entre a população, posição essa que não coincide, contudo, com o posicionamento mais recente da Igreja Católica. Tal atitude infelizmente reforça o preconceito em torno do tema e promove a intolerância entre os indivíduos.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. O lugar da argumentação na Análise do Discurso: abordagens e desafios contemporâneos. *Filologia e linguística portuguesa*, n. 9, p. 121-146, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.
- CARRANZA, B. *Catolicismo midiático*. SP: Ideias e Letras, 2011.
- CEP (Conferência Episcopal Portuguesa). *A propósito da ideologia do gênero*. Fátima, 14 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/documentos/a-proposito-da-ideologia-do-genero>>. Acesso em: 20 out. 2015.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2005.
- CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*. Brasília, Edições CNBB, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Forense, 2004.
- LIMA, Luís Corrêa. Estudos de gênero versus ideologia: desafios da teologia. *Mandrágora*, v.21. n. 2, 2015, p. 89-112
- MAINGUENEAU, Dominique. Polifonia e cena de enunciação na pregação religiosa. In: LARA, G.M.P., MACHADO, I.L. e EMEDIATO, W. *Análises do discurso hoje*. RJ: Nova Fronteira, 2008. v. 1.
- ORLANDI, Eni. P. *A linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Pontes, 1987.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20 (2), 1995, p. 71-99.

Anexo

TRANSCRIÇÃO

Bial: “EVANGELIZAR É PRECISO” ME PASSA UM SENTIDO, UM SENTIMENTO DE URGÊNCIA. QUAL É A URGÊNCIA? A EMERGÊNCIA

Pe. Manzotti: A emergência é porque as coisas estão se deteriorando. O casamento está ficando algo caduco, ter filhos está ficando algo fora de moda. Até se questionando a identidade da pessoa humana. Então uma coisa é você ter carinho, amor, tolerância, acolhimento, outra coisa é você estabelecer a exceção como regra. E aqui nós não podemos...

Bial: NÃO. PERA AÍ, VAMO LÁ. VC ESTÁ FALANDO SOBRE O QUE HOJE SE CHAMA IDENTIDADE DE GÊNERO

Pe. Manzotti: É disso que eu tô falando, tô falando porque nós temos que respeitar....um ataque contra o homem e a mulher é um ataque contra o Deus criador. Não quer dizer que eu estou aqui condenando ou mandando para o inferno de Dante Alighiere. O que eu estou dizendo é que nós não podemos dizer que está tudo bem. Não está bem. Deus criou o homem e a mulher. Se alguma coisa aconteceu que não há resposta... O grande problema do ser humano é que ele quer rapidamente achar a resposta, que é genético ou é espiritual ou é isso. Para! Porque que a gente não se dá o direito de esperar o tempo ao tempo. E não querer colocar rótulos. Por que criar uma identidade de gênero? Calma gente. O homem e a mulher...

Bial: ENTÃO VAMO LÁ, APARECE, PORQUE APARECE, NÉ? PESSOAS QUE NÃO SE SENTEM À VONTADE NA SUA PRÓPRIA IDENTIDADE SEXUAL OU DE GÊNERO, COMO QUEIRA CHAMAR

Pe. Manzotti: Até eu conheço e tenho na igreja trabalhando....

Bial: SIM, COMO LIDAR COM ISSO?

Pe. Manzotti: Por exemplo, podem trabalhar na igreja, podem ter um trabalho social muito bom. Podem ser felizes. Mas isso não quer dizer que a pessoa está dentro daquilo que Deus criou. Alguma coisa aconteceu.

Bial: MAS ENTÃO, O QUE QUE VOCÊ QUER DIZER QUANDO VOCÊ DIZ QUE ESTÃO TOMANDO A EXCEÇÃO COMO REGRA? EXPLICA ISSO.

Pe. Manzotti: Quando você quer colocar. Agora eu vou ser bem claro. Quando você quer que as crianças cheguem na escola e aprendam que não existe homem e mulher. Que não existe banheiro de homem e de mulher. Então eu acho que nós temos que por um freio um pouco. Eu vejo a humanidade hoje fragilizada. E nessa fragilidade você apresentar verdades que não são verdades, a pessoa vai se apegar nisso. E uma mentira, por mais que seja repetida, nunca vai ser verdade. Ela pode ser repetida, ensinada e propagada, será uma mentira. Eu acredito num Deus criador. Cuidado de colocar isso nas escolas, de colocar isso nas faculdades, para mim faculdade, universidade, uma fábrica de ateus...

Artigo recebido em março de 2020.
Artigo aceito em abril de 2020.